

## **RIO LENTO**

*Escrevo sobre esse trabalho (por hora) enquanto relato de viagem ou ficção*

Decido que preciso fazer uma viagem a Foz do Iguaçu em uma noite quente de verão após assistir a um filme onde namorados se beijam violentamente a caminho das cataratas. Decido quando por acaso encontro essa matéria sobre Las Vegas onde o jornalista escreve “Vegas é o lugar onde o *neon* vai para morrer” e apesar de Foz do Iguaçu não ser Las Vegas resolvo pegar essa citação para mim, por achá-la incredivelmente coerente. Decido após me despedir de J. em outubro de 2023 - enquanto observo seu fusca marrom - carro que tanto detestei - dobrar a esquina e desaparecer junto com o ronco escandaloso do motor.

Através de uma rápida pesquisa na internet, descubro a quantidade de atrações turísticas arbitrárias que posso visitar: Um parque dos dinossauros, o parque aquático chamado Blue Park e também o museu em miniaturas contendo todas as maravilhas do mundo; Uma réplica da torre eiffel, um pequeno coliseu e um mini Taj Mahal - igual aquele que já vi no topo da montanha em algum ponto na Dutra a caminho do Rio de Janeiro ou de qualquer cidadezinha montanhosa e romântica.

Todas as vezes que passei por lá lembro de anotar mentalmente; preciso voltar neste quilômetro e descobrir o porque raio alguém se deu ao trabalho de construir uma réplica minúscula do Taj Mahal aqui - isso não faz sentido nenhum e mesmo assim é algo assustadoramente bonito e patético. Cruzei algumas vezes este lugar - acompanhada de amores diferentes. Sempre sentado no banco do passageiro. Certa vez quase cheguei a anotar o ponto exato da estrada onde estava o Taj Mahal para um dia voltar, mas nunca o fiz.

Ao longo dos meses anoto repetidamente em diferentes cadernos: é importante viajar a Foz do Iguaçu para tirar fotos, mas ainda não sei o porquê. O tempo passa e invento a história deste lugar onde o amor vai para morrer ou talvez onde um coração partido deva ir de forma urgente e furiosa. Essa cidade imaginária me acompanha ao longo do tempo e do meu próprio processo de luto; atravessando os dias, pulando um carnaval quente e seco, comprando flores para uma nova casa ou chorando pelos bares do bairro, solavancos e despedidas recentes.

Compro então um pacote turístico através de uma agência de viagens que encontro na internet e no começo do mês de Maio entro em um avião fretado e começo minha expedição. Levo uma câmera de filme e todo o estoque que sempre guardei para fotografar algo que seja especial. Além do hotel reservado, não faço nenhuma pesquisa adicional para planejar meus dias.

Me hospedo em um hotel chamado Golden Park - Centro de Convenções. Curiosamente, na mesma semana que estou lá, também acontece um congresso nacional com profissionais do RH de todo o Brasil. Vejo o banner de papelão na recepção e outro ao lado do auditório. Cruzo com os participantes da convenção no elevador

apertado e também no salão de café da manhã. Eles conversam animadamente e usam roupas formais; saias lápis, terninhos apertados cor bordô e meias azul-marinho de tecido fino.

A piscina do hotel é grande e calma.

Não encontro quase ninguém nadando apesar do calor seco . Um toboágua desativado e muitas cadeiras de praia listradas ocupam toda a extensão da área externa do hotel, próximo a academia de ginástica composta por uma esteira solitária e alguns pesos enferrujados de musculação. Fotografo este casal na beira da piscina. Todos os anos eles vão a Foz do Iguaçu, todos os anos visitam as Cataratas mas preferem o lado da Argentina. A mulher me diz que é mais agradável.

Todos os dias pela manhã saio para correr ao redor de um quartel militar. Corro no mesmo horário que o pelotão do exército. Todos vestem pequenos shorts marrons com listras laterais, camisetas brancas apertadas e meias caneladas também brancas enquanto trotam entoando um jogral ritmado que não consigo discernir. Passo em frente a um gigante tanque de guerra exposto na entrada do quartel, ao lado de uma palmeira.

Foz do Iguaçu tem avenidas largas e outdoors espalhados por todas as esquinas. A avenida principal te leva a grande maioria das atrações da cidade e também desemboca nas Cataratas. Uma das pistas, quase tão larga quanto um campo de futebol, está interditada. O motorista do Uber explica que estão realizando uma obra audaciosa de ampliação para cinco faixas adicionais. 'Nos próximos anos estão planejando construir um parque de diversões tão grande quanto a Disney' ele também diz.

Curiosamente a maioria dos lugares que visito estão sempre em obra. No aeroporto paredes estão sendo pintadas as cinco da manhã, no hotel estão reformando e modernizando as salas de reunião próximas ao centro de convenções. As construções permeiam meu trabalho como um barulho irritante e constante de fundo - que só é perceptível quando interrompido bruscamente, e então é possível ouvir o silêncio.

Chego a este parque dos dinossauros. No fundo, coberto por um extenso tapume verde que circunda o terreno vejo três torres em construção. O atendente da bilheteria disse que será um novo hotel. Atravesso um portão de alumínio entreaberto que desemboca em um lamaçal de terra vermelha revolvida. Logo ali, na fundo deste parque dos dinossauros, de frente para as torres do prédio vejo um gigante dinossauro, um dos bonzinhos do filme de Hollywood - embalado em plástico bolha como se estivesse sendo preparado para ser o mais extravagante presente já entregue a alguém.

Dou uma risada alta enquanto olho aquela cena. Talvez esta seja a imagem mais complexa que já presenciei. Caminho a terra vermelha e coloco meu corpo inteiro em contato com aquele totem. Quero ficar abraçada a esse bicho de resina até que alguém apareça, gritando que é proibido estar ali, mas ninguém vem.

Nos dias seguintes caminho pela cidade sem pressa. Vou a este restaurante italiano onde famílias jantam ao som de "have you ever seen the rain" tocado no saxofone por um homem de terno. Cruzo a pé a fronteira entre Brasil e Paraguai ao lado de outros turistas que carregam sacolas cheias de caixinhas de som, celulares e o último lançamento de algum tênis de corrida.

No meio da semana pego um ônibus e vou parar no ponto exato onde Brasil, Paraguai e Argentina fazem fronteira.

Encruzilhada; lugar onde se cruzam ruas, estradas, caminhos. No sentido figurado: ponto crítico, em que uma decisão deve ser tomada.

Na maioria das noites fotografo a piscina do hotel, iluminada por uma fraca luz azul neon enquanto bebo uma lata de cerveja morna. As lojas de souvenirs vendem sempre a mesma coleção de objetos. Em cada lugar por onde passo compro um deles, construindo assim um acervo particular ou o talvez o menor museu do mundo - com copos para beber cachaça, mini pratos em suportes de plásticos pintados à mão com o desenho das Cataratas e até mesmo uma dessas bolas que quando sacudidas é possível observar a neve caindo lentamente - apesar do calor intermitente.

No dia mais quente da semana visito a hidrelétrica Itaipu. O ônibus turístico aberto no teto e nas laterais se afunda lentamente na imensidão de concreto. Território amaldiçoado por todas as camadas de violência e destruição que já passaram por aqui. O ônibus para em um mirante com vista para o rio artificial. Todos fazemos fotos das águas. Itaipu em Tupi significa 'A pedra que canta' - a guia turística diz. No final da visita compro um pequeno azulejo com a imagem pixelizada da hidroelétrica.

Quando volto para São Paulo, vejo na esquina de casa uma caixa de luz no poste amarelo âmbar onde lê-se: Itaipu.

Vou a este parque aquático chamado 'Blue Park' porque gosto da cor azul. Algumas pessoas se banham em uma praia artificial. Vejo uma senhora de maiô molhar a ponta dos pés e depois a nuca para se refrescar. A cada quinze minutos ondas irrompem de lugar nenhum, logo depois desaparecem e tudo volta a ficar calmo - como se nada de absurdo pudesse acontecer em um ambiente tão controlado. Um rio artificial rodeia toda a extensão do parque aquático. É possível entrar em uma boia redonda e flutuar a correnteza circular eternamente. Na placa de sinalização ao lado da escadinha de acesso está escrito: Rio Lento.

No meu último dia em Foz do Iguaçu vou conhecer as Cataratas e ao contrário do que J. um dia me disse 'vai ser difícil sem mim' estou feliz de estar ali sozinha. Quanto mais perto do mirante principal, mais violenta é a força das águas, que explode na queda abissal como mil caixas de dinamite em ano novo, como o término mais

furioso, como se todas as pessoas da cidade gritassem ao mesmo tempo enquanto derrubam mesinhas de centro.

Nada disso tem a ver com amor. A nossa despedida já aconteceu a muito tempo, eu não estou aqui para me despedir de mais nada.

Tiro a camiseta branca recém comprada no Paraguai que estou usando e a guardo dentro da mochila. Guardo também minha câmera. Todos os filmes que havia trazido para aquele dia já acabaram. De top de ginástica e bermuda, atravesso então a passarela que termina praticamente dentro do penhasco. A água fina molha meu corpo e o corpo de todos os que estão ali em um batizado ou exorcismo coletivo para deus nenhum. Um fotógrafo do parque tenta me vender meu retrato impresso no valor de 50 reais. Eu recuso educadamente mas tiro uma foto sua.

Sonhei tanto o caminho desse trabalho e demorei tanto pra chegar até aqui - que quando me vi indo de encontro a cada uma das imagens que fiz, de certa forma já sabia que elas estariam lá me esperando. Eu caminhava esse caminho e ria de nervoso a cada encontro com as imagens que dormiam comigo todos os dias. É uma certeza louca, mistério ou qualquer outra engrenagem arbitrária em tudo aquilo o que anda de mãos dadas desde sempre. Sabia que encontraria a mulher com o rosto molhado saindo do passeio das cataratas, o casal que não falava português, todos os ônibus turísticos que sentei na janela, todas as corredeiras de todos os rios fabricados, que desaguam em lugar nenhum mas mesmo assim a queda é violenta.

O sol do final do dia atravessa o conjunto furioso de águas e ilumina o parque por inteiro. Ilumina os turistas que se revezam no mirante circular e abrem os braços para serem fotografados, ilumina a lojinha de souvenirs e ilumina também o barulho de sete mil cavalos trotando no chão seco e vermelho até desaparecerem de vista.

Eu observo a imensidão fantasmagórica e não consigo entender como é possível tudo aquilo. Eu nunca vi uma paisagem assim. Eu vou lembrar disso pra sempre. Na falsa sensação de um território intocado pelo ser humano, imagino um pássaro cenográfico pré-histórico cruzando o céu naquele fim de tarde enquanto seu rugido ecoa nas montanhas. Um desses pássaros sábios, que passam pra trazer notícias de mudança.

**Rio Lento (2024)** é um trabalho em andamento onde investigo como o turismo transforma territórios.